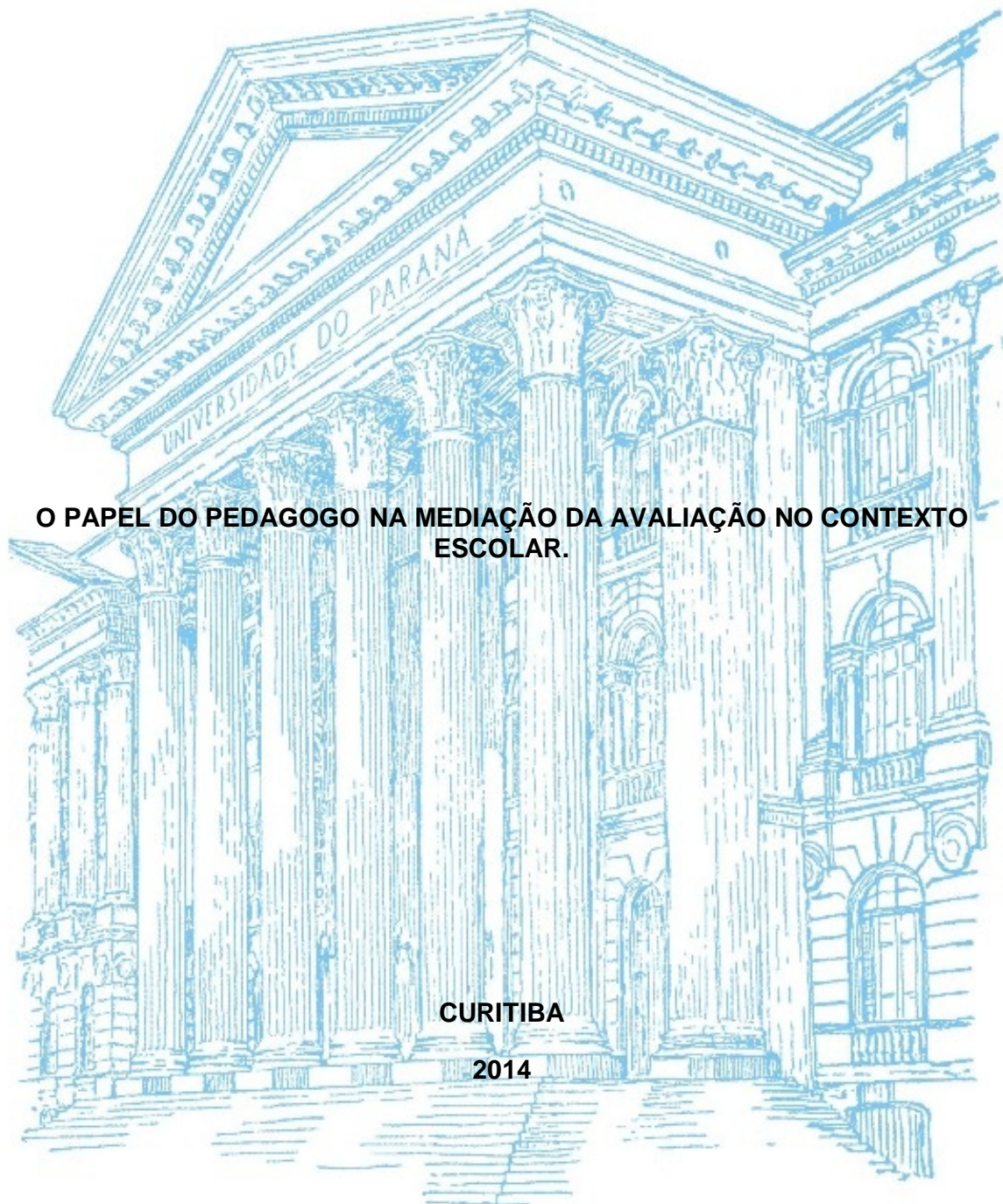


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MEIRE ANTUNES FURTADO



O PAPEL DO PEDAGOGO NA MEDIAÇÃO DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MEIRE ANTUNES FURTADO

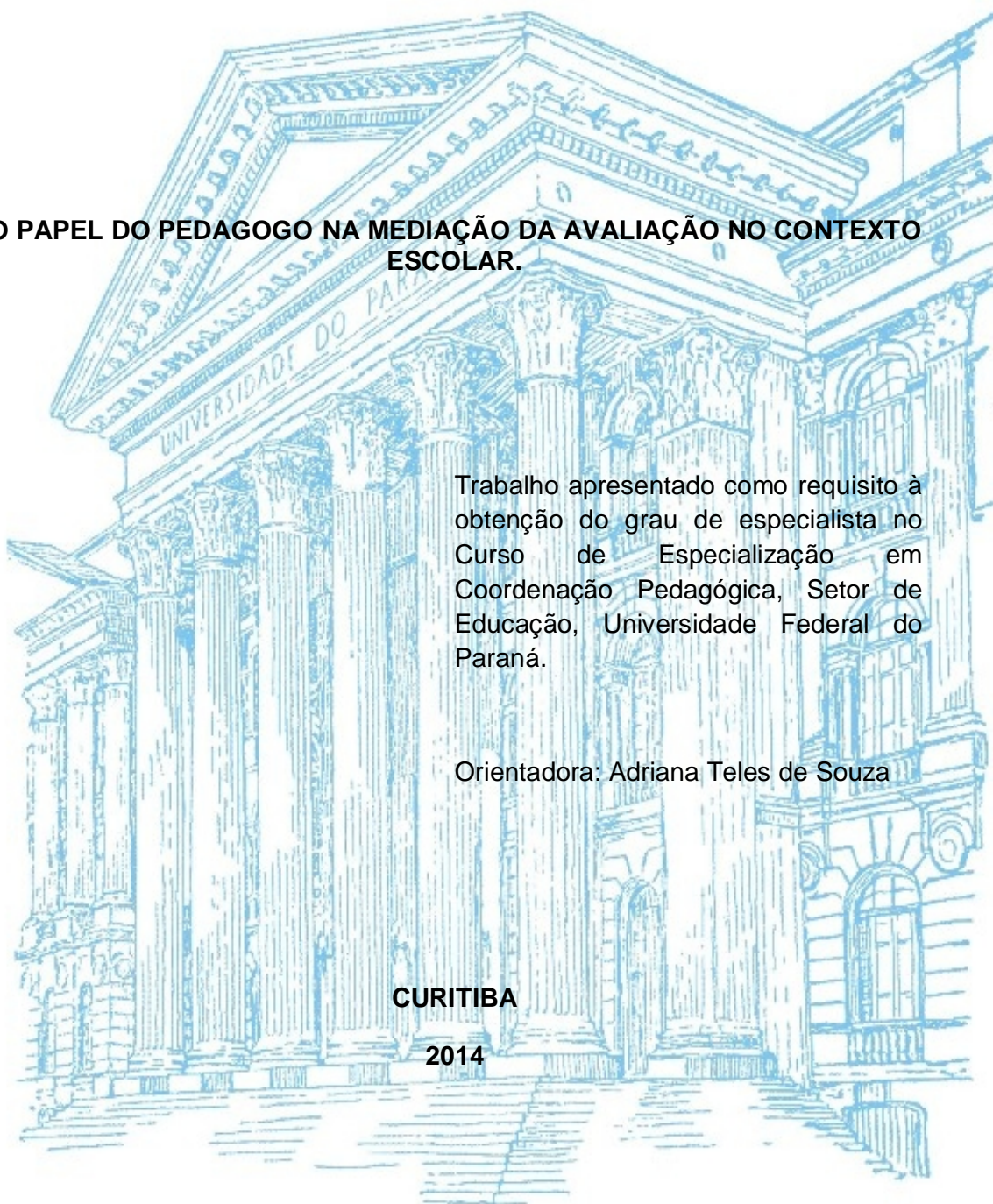
O PAPEL DO PEDAGOGO NA MEDIAÇÃO DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Adriana Teles de Souza

CURITIBA

2014



O PAPEL DO PEDAGOGO NA MEDIAÇÃO DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.

Autora: FURTADO, Meire Antunes.¹

Orientadora: SOUZA, Adriana Teles de²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão para identificar as competências que o coordenador pedagógico necessita para orientar e analisar os resultados das avaliações que os professores utilizam com os alunos do Ensino Fundamental. Nesse sentido o objetivo deste é analisar as práticas avaliativas diagnosticando os possíveis problemas encontrados pelos alunos. No decorrer do trabalho foi possível identificar as competências que o coordenador pedagógico necessita para orientar e analisar os processos avaliativos com os alunos do Ensino Fundamental. Para tanto, utilizou-se como coleta de dados a realização de uma entrevista semiestruturada para os docentes participantes da pesquisa, bem como de um questionário aplicado aos estudantes participantes da pesquisa. Os dados obtidos na pesquisa por meio dos instrumentos utilizados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). A pesquisa demonstra que a temática avaliação necessita de um maior aprofundamento como algo construído dia após dia, a fim de consolidar a aprendizagem pautada nos princípios da educação de qualidade.

Palavras-chave: Alunos; Aprendizagem; Avaliação; Pedagogo; Professores.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão para identificar as competências que o coordenador pedagógico necessita para orientar e analisar os resultados das avaliações que os professores utilizam com os alunos do Ensino Fundamental, caracterizando a avaliação mediadora como parte integrante do processo do

¹ Graduada em Pedagogia com especialização em Educação Especial Professora Pedagoga na SEED. Aluna do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

² Mestra em Educação e Professora Pesquisadora do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

conhecimento levando o professor a refletir sobre seus instrumentos avaliativos.

Além disso, utilizou-se como coleta de dados a realização de uma entrevista semiestruturada com 05 professores participantes da pesquisa de um Colégio Estadual de Sarandi no estado do Paraná e alunos do 6º ano, entre os alunos que responderam foram selecionados 5 questionários aleatoriamente devido ao grande número de alunos que responderam o questionário, visto que dificultaria a discussão dos dados nesse trabalho totalizando 10 (dez) participantes identificados como professores P1, P2, P3, P4, P5, e os alunos foram caracterizados como A1, A2, A3, A4 e A5.

Ao se realizar uma pesquisa deve-se considerar a escolha do método que será utilizado, pois o que se busca responder está ligado diretamente ao objetivo que se quer alcançar.

Neste estudo, os dados serão descritos pela pesquisa qualitativa, em uma abordagem que proporciona uma interrelação entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o objetivo e a subjetividade que não pode ser traduzido em números, pois, apenas a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são consideradas nesse processo, não sendo necessário o uso de métodos e técnicas estatísticas.

As pesquisas que utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2002, p. 117).

Dessa forma, essa pesquisa se caracterizou por ser pesquisa de campo, que permitiu apropriarmos-nos de conhecimentos referentes à avaliação no contexto escolar.

Com o intuito de verificar as **questões específicas** como avaliar os alunos do sexto ano do ensino fundamental, quais metodologias adotadas para melhorar o aprendizado e conseqüentemente suas notas. Tendo em vista a **hipótese** de que a apropriação por parte do pedagogo do seu real papel no

contexto escolar, interfere de modo significativo na mediação dos processos de avaliação. Realizou-se a análise de documentos oriundos do MEC, Currículo Básico do Estado do Paraná, e o Projeto Político Pedagógico PPP do Colégio Estadual em questão, sobre Avaliação. Também com já colocado à aplicação de questionário e entrevista para a coleta de dados.

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

Deste modo, foram feitas 10 perguntas aos professores do sexto ano das seguintes disciplinas: Matemática, Português, Artes, Geografia e História e 6 perguntas a alguns alunos do sexto ano. As respostas das entrevistas e dos questionários foram transcritos sem correção de erros ortográficos e de concordância.

A coleta de dados foi realizada em uma instituição estadual de ensino Fundamental e Médio na cidade de Sarandi no estado do Paraná, composto por aproximadamente 1700 alunos atendidos no matutino, vespertino e noturno em sistema de seriação nas modalidades de Ensino Fundamental (6º. ao 9º. ano) e Médio (1º. Ao 3º. ano). Há cerca de 90 professores graduados, pós-graduados (especialistas e mestres).

Será utilizada a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), para discutir os dados obtidos por se tratar de,

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 42)

Assim, ao propor uma pesquisa qualitativa, foi verificada a presença ou ausência de fatores característicos de determinado conteúdo, permitindo entender as mensagens explícitas e implícitas apresentadas na pesquisa.

[...] possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2002, p. 117).

A pesquisa demonstra que a temática avaliação necessita de um maior aprofundamento como algo construído dia após dia, a fim de consolidar a aprendizagem pautada nos princípios da educação de qualidade.

Abordaremos os conceitos sobre avaliação num primeiro momento tendo como referência os autores Perrenoud (1999), Juncks (2013) e documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Em seguida abordaremos as funções da avaliação de acordo com Hoffmann (2001) e avaliação no contexto escolar segundo Libâneo (2008), Cagliari (2009), Luckesi (1998) e o Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual campo desta pesquisa. Posteriormente apresentaremos a metodologia, campo de pesquisa, entrevista semi-estruturada com a discussão dos dados de acordo com Bardin (2011) e as considerações finais evidenciando que a avaliação deve provocar no aluno a utilização do conhecimento dentro de novas circunstâncias.

1 CONCEITOS SOBRE AVALIAÇÃO

Na atualidade um dos principais problemas educacionais está no fato da escola assumir um processo de avaliação que atribui uma nota e pontos acumulativos, agindo como se a avaliação fosse um processo isolado de todo caminho percorrido pelo aluno na construção do conhecimento. Percebe-se que os conceitos de avaliação tanto podem orientar práticas pedagógicas que

colaboram com o processo de reprodução das desigualdades sociais, assim como também podem orientar práticas libertadoras que, por sua vez, possibilitam a realização do projeto de vida do ser humano envolvido no processo avaliativo.

Assim a avaliação pode ser vista sob dois aspectos: no primeiro determina em selecionar os melhores alunos, pelo processo de comparar aluno com aluno promovendo uma competição com efeitos negativos na vida do ser humano envolvido nesse processo, e no segundo aspecto a avaliação é a mediadora envolvida em um processo de diagnóstico e de negociação.

Atualmente, diversos documentos demonstram o enfoque contemporâneo da avaliação como aquele que considera a mesma estando além de notas e classificações. Isto é o processo avaliativo não deve consistir apenas em uma mera medição da capacidade intelectual do aluno, mas sim deve ser um instrumento eficaz, para que se obtenha a inserção de um sujeito consciente no âmbito da sociedade.

De certa forma, tais idéias já foram incorporadas pela Secretaria da Educação Fundamental Estadual, Ministério da Educação e Desporto Brasileiro, como consta no Parâmetros Curriculares Nacionais,

A concepção de avaliação dos Parâmetros Curriculares Nacionais vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica". (BRASIL, 1997, p. 55)

Existam posicionamentos iguais ao do Ministério da Educação sobre o conceito de avaliação, pois, muitos autores alertam para a questão da avaliação como sendo um processo de criação de hierarquias,

Avaliar é – cedo ou tarde – criar hierarquias de excelência, em função das quais a progressão no curso seguido, a seleção no início do secundário, a orientação para diversos tipos de estudos, a certificação antes da entrada no mercado de trabalho e, freqüentemente, a contratação. Avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar as formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros". (PERRENOUD, 1999, p. 9)

O pensamento sobre avaliação é uma visão mais objetiva e realista do conceito de avaliar, portanto, menos fantasiosa. Contudo, os órgãos públicos e a sociedade não costumam utilizar tal representação de avaliação, como sendo a averbação correta da palavra, um conceito preciso e justo.

Neste sentido, o Brasil utiliza-se de uma visão mais positivista da realidade, limitando a avaliação acerca do que realmente a palavra significa, relegando os aspectos sociais a um segundo plano, tendo o aluno como o ponto central de seus parâmetros, ou seja,

Avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas conseqüências. Portanto, a atividade de avaliação exige critérios claros que orientem a leitura dos aspectos a serem avaliados. (BRASIL, 1997, p. 58)

A mediação na escola constitui uma das ferramentas institucionais que permite abordar como uma estratégia preventiva para favorecer a aprendizagem.

Mediar é utilizar recursos, métodos e estratégias diferenciadas para que ocorra aprendizagem.

O professor neste processo de mediação deve proporcionar e saber lidar com as diferenças em sala de aula, levando em conta as mudanças e acontecimentos em nossa sociedade acontecem no dia-a-dia, e na escola se dá a cada momento, por isso é necessário o professor estar atento e envolvido no processo em todo momento. (JUNCKES, 2013, p. 02)

A função do mediador não é apenas a de levar a criança a perceber e registrar os estímulos, mas determinar certas mudanças na maneira de processar e utilizar a informação. Ao deixar claros seus objetivos ao sujeito, o mediador o incita a compartilhar dos seus propósitos nesse processo mútuo que resulta em conhecimento e enriquecimento para ambos. Focalizar e ampliar o objeto ou um determinado estímulo mobilizando a atenção do sujeito é uma forma de manifestação da intencionalidade do mediador perante o processo de aprendizagem.

1. 1 As funções da avaliação

A existência de avaliações, no interior da estrutura pedagógica das escolas, já é de longa data. Não obstante, faz-se preciso inquirir: qual é a função da avaliação dentro de um contexto educativo? Em outras palavras, por quais motivos devem-se avaliar os alunos?

A justificativa mais tangível seria a de que é necessário e indispensável à verificação do quanto (critério quantitativo) foi apreendido e da solidez destes conhecimentos (critério qualitativo). Todavia, a avaliação encontra hoje diversas funções compatíveis com as propostas adotadas pelos professores e os princípios impostos pela gestão escolar. Ela pode hierarquizar, segregar, selecionar para promover, ou então, em sua destinação de maior grandeza, servir de orientador ao trabalho desenvolvido em sala de aula pelos professores. Neste último caso, ela não somente ajuda no aprimoramento do processo de ensino-aprendizado, como auxilia na correção de falhas e constantes melhoras do sistema educativo.

Deve-se, antes de prosseguir com a análise dos aspectos acerca da avaliação, fazer um estudo de cada uma de suas funções, de modo a compreender as diversas funções de uma avaliação educativa. Estas se dividem em duas vertentes: as funções de **caráter social** e as de **caráter pedagógico**.

A primeira função a ser abordada revela as funções de caráter social das avaliações nos estabelecimentos de ensino. Atrelado aos princípios de uma sociedade primordialmente regida pela competição e hierarquização, tal função é responsável pela separação e classificação dos alunos. Contudo, também responde por orientá-lo. Atesta a aquisição de conhecimentos e é responsável por responder perante pais e alunos pela função social da escola, a saber, fornecer educação. Assim, é a partir desta função que a escola determina quais alunos estão aptos à promoção de ano e ao recebimento de certificados de conclusão, e quais ainda não obtiveram o êxito esperado. Insere-se, portanto, ao final do ano letivo ou da realização de determinado curso, ao passo que delimita os rumos escolares de inúmeros alunos e os segrega entre alunos acima da média aceitável e abaixo dela. Além disso, a avaliação serve também de utensílio para que o professor analise o caso específico de

determinado aluno e, juntamente com a gestão, promova orientação e ajuda para a superação das dificuldades encontradas.

A segunda função da avaliação escolar é a de caráter pedagógico. Ela é realizada durante o processo de ensino e aprendizagem, tem como característica principal emitir um diagnóstico de todo o corpo discente de modo a oferecer ao professor dados para que este possa intervir para dirimir as dificuldades e reparar as falhas. É utilizado como guia pedagógico pelo professor para a adaptação do planejamento e do currículo as realidades educacionais de seus alunos, sempre com o intuito de melhorar e promover a aprendizagem com a maior equidade de desenvolvimento possível entre os alunos.

A avaliação é encontrada em grande parte das escolas como possuindo exclusivamente a função de caráter social. A falta de tempo ou mesmo de interesse, acaba por situar a avaliação como uma etapa final do processo de ensino-aprendizagem, e não como ato contínuo gerador de melhoras e mudanças constantes.

O grau, nota, conceito, são conferidos ao aluno sem interpretação ou questionamento quanto ao seu significado e poder. Essas "sentenças" [...], obstaculizam na escola a compreensão do erro construtivo e de sua dimensão na busca de verdades. Impedem que professores e alunos estabeleçam uma relação de interação a partir da reflexão conjunta, do questionamento, sobre as hipóteses formuladas pelo educando em sua descoberta do mundo. (HOFFMANN, 2001, p 18)

O pedagogo deve ter claro o papel de suas atribuições na condução de seu trabalho junto aos docentes e o domínio com relação à importância da avaliação para auxiliar e garantir aos profissionais da escola subsídios essenciais a prática pedagógica que leve o aluno a aquisição de conhecimento.

2 AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

A avaliação para ser mediadora, deve valorizar todos os atos e atividades realizadas pelo aluno, perder a conotação de instrumento de controle e exercício de poder do professor sobre o estudante. Seu objetivo não

é o de classificar nem selecionar, mas contribuir para o crescimento acadêmico da criança e do jovem.

[...] a avaliação educacional deve estar articulada com as formas de gestão (descentralização, autonomia), com o projeto pedagógico e com o currículo, que seriam as estratégias que podem assegurar bons resultados de rendimento escolar dos alunos (LIBÂNEO, 2008, p.247)

Na Proposta Politico Pedagógica (2014) do Colégio Estadual campo de estudo desta pesquisa, a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem de todos os alunos, permeando o conjunto das ações pedagógicas, e não como elemento externo a este processo utilizado ao final de um período de trabalho. O processo de avaliação, como integrante do processo de ensino e aprendizagem, subsidia o professor com elementos para reflexão contínua sobre sua prática para que possa planejar sua intervenção pedagógica.

Isto possibilita a criação de novos instrumentos de trabalho e retomada dos aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Possibilita, ainda, ajustes constantes, num mecanismo de regulação do processo de ensino o que contribui afetivamente para que a atividade educativa tenha sucesso.

A avaliação da aprendizagem escolar tem sido um tema bastante discutido entre todos os envolvidos da escola objeto de estudo desta pesquisa. Ela causa polêmica e desconforto entre os professores, alunos, equipe pedagógica e comunidade escolar em geral, no entanto, é de suma importância para o cotidiano escolar, é dela que devemos partir para melhorar a educação que oferecemos para nossas crianças e adolescentes.

Este desconforto e preocupação dos professores com relação à avaliação acontece porque faz parte do trabalho do professor verificar e julgar o rendimento de seus alunos, avaliando e analisando os resultados obtidos pelos mesmos em determinado conteúdo e ou período letivo.

De acordo com a coleta de dados para os alunos, avaliar significa simplesmente fazer prova tirar nota e passar de ano. Já para os professores, é visto na maioria das vezes, como uma questão burocrática, realizada apenas

porque o regimento interno da escola exige. Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu significado básico de dinamização do processo de conhecimento.

Se a avaliação não assumir a forma diagnóstica, ela não poderá estar a serviço da proposta política – “estar interessado que o educando aprenda e se desenvolva” -, pois se a avaliação continuar sendo utilizada de forma classificatória, como tem sido até hoje, não viabiliza uma tomada de decisão em função da construção de resultados esperados. (LUCKESI, 1998, p.32).

A avaliação deve diagnosticar esclarecer e favorecer o desenvolvimento do indivíduo. No procedimento de avaliação devem-se incluir testes organizados pelo professor, diferentes trabalhos realizados pelos alunos, registros dos resultados de observação das discussões dos alunos, comentários, entrevistas com alunos ou grupo, análise da escrita, dos resultados obtidos, entre outros.

O pedagogo deve favorecer momentos em que os docentes pensem em ações didáticas que torne mais efetiva, junto aos estudantes, a aprendizagem da construção do texto, relativamente ao encadeamento das ideias, dando-lhe sequência lógica: começo, meio e fim.

Diante do exposto, sabemos que cada conteúdo a ser ensinado requer variadas estratégias de ensino, bem como recursos diferentes.

Qualquer ação educativa requer planejamento (...) e que se leve em consideração: as condições culturais e de desenvolvimento dos sujeitos do processo; o contexto social e histórico em que estes se inserem; os objetivos do ensino a serem alcançados a curto e médio prazo; as práticas de ensino efetivadas em função destes objetivos; as interpretações (...); os instrumentos necessários; o momento adequado. (CURITIBA CADERNO PEDAGÓGICO, 2008, p.09).

A avaliação deve ser desenvolvida em conjunto por professores, alunos, pais e equipe pedagógica. Os resultados obtidas em testes e provas devem servir para averiguar o domínio ou falta de habilidades dos alunos em determinada área ou conteúdo e não somente para definir quem passa de ano ou quem deve ser retido.

A avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento “*o ato de avaliar não é um ato impositivo, mas sim um ato dialógico, amoroso e construtivo*” (LUCKESI, 1997, p.29). A avaliação não pode ser instrumento de castigo para os alunos ou para preencher a aula, caso o professor não tenha preparado, deve fazer parte da rotina de sala de aula, deve ser planejada pelos professores como um dos aspectos integrantes do processo ensino-aprendizagem. Na visão do autor, a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos.

É necessário o professor saber como acontece o processo de aquisição do conhecimento de seus alunos e a partir disso respeitar e valorizar a especificidade de cada um motivando e estimulando através da mediação e propostas pedagógicas diferenciadas para a construção individual do conhecimento e o ambiente escolar dispõe de vários fatores que possibilitam o desenvolvimento integral da criança dentre eles a interação aluno e professor e a mediação do professor no processo ensino aprendizagem.

[...] a questão metodológica não é a essência da educação, apenas uma ferramenta. Por isso é preciso ter ideias claras a respeito do que significa assumir um ou outro comportamento metodológico no processo escolar. É fundamental saber tirar todas as vantagens dos métodos, bem como conhecer as limitações de cada um. (CAGLIARI, 2009, p. 38)

Segundo Perrenoud (1999), a avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos.

Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve admitir que os resultados das provas bimestrais, geralmente de caráter classificatório, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico. O professor deve sempre levar em conta o que o aluno produz diariamente e não considerar somente os resultados de provas ou testes formais.

A mediação é o processo pelo qual o professor realiza a construção do conhecimento é o que garante a aprendizagem é na mediação que o professor fará as inferências, estimulando os alunos a observar, comparar e analisarem para adquirir o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, o planejamento é fundamental para que se torne organizado o trabalho do professor e este saiba a direção que quer tomar no processo educativo.

[...] para coletar os dados e proceder à medida da aprendizagem do educando, os professores, em sala de aula, utilizam-se de instrumentos que variam desde a simples e ingênua observação até sofisticados testes, produzidos segundo normas e critérios técnicos de elaboração e padronização (LUCKESI, 1997, p.29).

A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção de configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer antes ou com ele. A verificação é uma ação que "congela" o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.

É na evidência do trabalho do pedagogo como mediador da educação escolar que a base da sustentação pedagógica na relação entre teoria e prática se afirma, e assim, podemos acreditar na dimensão social e política da escola.

Cabe ao pedagogo, refletir sobre sua ação teórico-prática, relacionada às questões educativas, a mediação do pedagogo junto ao trabalho docente exige pensar a prática pedagógica na sala de aula enquanto um processo de aprendizagem sistemático, lançando constantemente mão da teorização e compreendendo a natureza contraditória do ato educativo.

O professor, que trabalha numa dinâmica interativa, tem noção, ao longo de todo o ano, da participação e produtividade de cada aluno. É preciso deixar claro que a prova é somente uma formalidade do sistema escolar. Como, em geral, a avaliação formal é datada e obrigatória, devem-se ter inúmeros cuidados em sua elaboração e aplicação.

A avaliação da aprendizagem é também a avaliação do trabalho do professor como profissional, pois quando se avalia a aprendizagem do aluno conseqüentemente também se avalia o trabalho do professor, sua metodologia, já que o ato de ensinar deve ser planejado e replanejado em função da aprendizagem do estudante.

3 METODOLOGIA

3.1 COLÉGIO ESTADUAL – CAMPO DE PESQUISA

O Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio, campo desta pesquisa situa-se num bairro mesclado entre comércio e residências que apresenta uma comunidade com situação socioeconômica de média a baixa..

Este Colégio está a 10 km do Núcleo de Educação com sede em Maringá, a entidade mantenedora é a Secretaria de Estado da Educação do Paraná, foi autorizado como Colégio em 1985, com a resolução nº 8319/84, e reconhecido com a resolução 2063/90 em 08/08/90, e conta com 1700, 90 professores, 26 funcionários, 9 professoras pedagogas, 1 diretora e 2 diretoras auxiliares. Possui 43 turmas, sendo 13 turmas no Ensino Médio e 30 turmas no Ensino Fundamental.

A escola funciona no período diurno e noturno, no período matutino tem 15 turmas, no período vespertino 15 turmas e no período noturno, 10 turmas.

O colégio possui projetos que contribuem para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, tais como: No período matutino, possui uma sala de Recursos Multifuncional Tipo 1, que atende alunos no contraturno, configurando-se como um espaço onde o trabalho pedagógico realizado se destina a contribuir com a minimização das dificuldades de aprendizagem dos alunos. São atendidos no programa de apoio especializado, em sala de recursos de 5ª a 8ª séries, os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais: alunos egressos da educação especial ou de sala de recursos de 1ª a 4ª séries, e ainda aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem com atraso acadêmico significativo, distúrbios de aprendizagem e/ou deficiência mental e que necessitam de apoio especializado complementar para obter sucesso no processo de aprendizagem na classe comum.

Contamos, também, com duas salas de apoio (Português e Matemática), que funcionam também em contraturno, atendendo cerca de 30 alunos. As salas de apoio efetivadas em 2004, com o objetivo de trabalhar as dificuldades referentes à apropriação dos conteúdos de oralidade, leitura, escrita, bem

como as formas espaciais e quantidades nas operações básicas e elementares.

O Colégio está inscrito no Projeto “Viva Escola”, que propõe a dar atendimento aos estudantes no horário contrário ao turno em que atualmente frequentam o ensino regular. A ideia é trazer para todas as escolas atividades artísticas, culturais, científicas, esportivas e mesmo de aprendizagem buscando uma visão mais articulada do processo de formação do aluno, aliando as atividades curriculares com as complementares de maneira integrada, totalizando dois projetos: Rádio Estudantil e O espaço geográfico uma nova visão, atendendo cerca de 30 alunos participantes.

Contamos, também, com o “Programa Segundo Tempo”, um programa idealizado pelo Ministério do Esporte, destinado a democratizar o acesso à prática esportiva, por meio de atividades esportivas e de lazer, realizadas no contraturno escolar. Tem a finalidade de colaborar para a inclusão social, bem-estar físico, promoção da saúde e desenvolvimento intelectual e humano, além de assegurar o exercício da cidadania. Atualmente, o colégio possui 60 alunos participantes do projeto.

No ano de 2010 foi implantando no colégio o Projeto CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, com o objetivo de ofertar o ensino plurilíngüe e gratuito, aos alunos da Rede Pública Estadual de Educação Básica, matriculados no Ensino Fundamental (anos finais), no Ensino Médio, aos professores e funcionários que estejam no efetivo exercício de suas funções na rede estadual e, também, à comunidade. Contribuindo para a promoção do conhecimento da cultura das etnias, bem como o aperfeiçoamento cultural e profissional dos alunos, o CELEM conta com 60 alunos matriculados no ano de 2010 e funciona nos seguintes horários: segunda e terças-feiras, das 18h00 as 20h00 e quinta e sexta-feiras, das 18h30 as 20h30.

A escola está localizado em um bairro bom da cidade, porém sua clientela, é na grande maioria crianças oriundas da periferia, de um dos bairros mais pobres da cidade

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Para este estudo, foi realizada uma entrevista semi-estruturada que foi aplicada para professores da escola, caracterizados por (P1, P2, P3, P4, P5) e um questionário aplicado aos alunos do 6º ano, caracterizados por (A1, A2, A3, A4 e A5) que aceitaram participar desta pesquisa, na qual totalizaram-se um número de dez participantes, conforme apresentado no **quadro 01** referente ao professores participantes da pesquisa e o **quadro 2** se refere aos alunos participantes desta pesquisa, onde os dados foram categorizados de acordo com Bardin (2011).

Quadro 01 - Perfil dos participantes da pesquisa.

Fonte: a autora

Entrevistado	Função	Formação (Nível Superior)	Formação (Especialização)	Tempo de magistério	Tempo de trabalho na Escola
P1	Professor	Geografia	• História e Geografia do Paraná	5 anos	2 anos
P2	Professor	Artes visuais	• EJA Educação Especial	5 anos	2 anos
P3	Professor	História	• EJA	Não informado	Não informado
P4	Professora	Letras Português/ Inglês	• Didática na Educação	24 anos	18 anos
P5	Professora	Letras Português/ Inglês	• Neuropedagogia	Não informado	Não informado

Entrevistado	Função	Série/Ano	Idade	Repetente
A1	Aluno	6º	Não informado	Não informado
A2	Aluno	6º	Não informado	Não informado
A3	Aluno	6º	Não informado	Não informado
A4	Aluno	6º	Não informado	Não informado
A5	Aluno	6º	Não informado	Não informado

Quadro 2 – Perfil dos alunos participantes da pesquisa.

Fonte: A autora.

5.1 Concepção de Avaliação

Quadro 3 – Concepção de avaliação tantos dos professores, quanto dos alunos em questão.

Fonte: A autora.

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO (sujeitos da pesquisa)
Concepção de Avaliação	Recurso / Instrumento	P1; P4; A3.
	Testar conhecimento	P2; P4; A2; A3.
	Análise de conteúdo	P3; P5; A3; A4.
	Prova	A1. A3.
	Nada	A5.

O **quadro 03** apresenta a concepção de avaliação expressa pelos participantes tanto na entrevista pelos professores e nas respostas dadas no questionário pelos alunos. Ao analisar as respostas observam-se cinco concepções, uma relacionada à ideia de recurso / instrumento, outra relacionada a testar conhecimento, análise de conteúdo, como prova e como nada.

Conforme o quadro 3 que reflete a categoria – **Concepção de avaliação** foi possível compreender melhor os embates entre o conceito de avaliação tanto os expostos nos documentos aqui analisados, quanto às atribuições que acabam se perpetuando dentro desta instituição de ensino, por parte de todo o coletivo escolar, ou seja, a divergência entre a avaliação como **função social** e a avaliação como **função pedagógica**, neste sentido, o papel do pedagogo é diagnóstico, isto é depois de embasado nas avaliações o pedagogo deve iniciar um trabalho de pesquisa dos porquês dos resultados encontrados. O diálogo com todo o corpo docente envolvido, alunos e pais, pode demonstrar que aquilo implícito nos processos avaliativos reflete uma realidade das salas de aula. É papel do pedagogo, lembrar sempre ao professor sua função vital na formação continuada do aluno e cidadão. Assim,

o professor deve assumir sua responsabilidade de refletir sobre toda produção de conhecimento do aluno, promovendo o movimento, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos. (HOFFMANN, 1991, p. 75).

A interpretação dos dados recebidos pelas avaliações também confere ao pedagogo um panorama realista sobre a instituição de ensino em questão e sobre o cumprimento do currículo escolar elaborado e o seguimento do plano político-pedagógico adotado.

Hoffmann (1991) destaca que as finalidades das práticas avaliativas estão relacionadas com o conceito que o professor tem de avaliação.

De acordo com os dados levantados e análise da Proposta Político Pedagógico (2014) do Colégio Estadual em questão avaliar deve ser um,

[...] processo permanente de acompanhamento que à luz da teoria do conhecimento sócio-histórico, ofereça mediações e interferências no processo de formação de sistemas cerebrais funcionais dos alunos. A avaliação deve ser colocada a favor da aprendizagem do aluno, deve adequar o currículo a cada momento da aprendizagem, fonte de reflexão e redefinição da proposta pedagógica que implica revisão do plano de ação, do currículo e dos instrumentos de avaliação (PROPOSTA POLITICA PEDAGÓGICO, 2014, p. 53).

Diante disso observou-se que o participante P1 afirma que avaliação pode ser utilizada como recurso/instrumento *“A avaliação da aprendizagem é um recurso, diversificado que deve ser aplicado para melhor compreender o desenvolvimento do educando.”* (P1 em 25/05/2014)

O participante P2 acredita que a avaliação é utilizada para testar conhecimento *“Uma avaliação onde irei testar os conhecimentos do aluno.”* (P2 em 27/05/2014)

Observou-se que P4 abrange no seu ponto de vista a avaliação pode ser utilizada para testar conhecimento *“Instrumento utilizado no espaço da educação formal que instrumentaliza alunos e professores quanto ao ensino e a aprendizagem no seu processo de construção.”* (P4 em 02/06/2014)

Avaliação utilizada para análise de conteúdo é apontada pelos participantes P3 *“É realizar análise de um determinado conteúdo, a ação de uma pessoa através do que sabe sobre ou domina.”* (P3 em 28/05/2014) e P5 *“Avaliação é sondar o que o aluno aprendeu dos conteúdos estudados, trabalhados em sala de aula.”* (P5 03/06/2014)

Conforme análise realizada observou-se que os professores participantes revelam nas linhas e entrelinhas que avaliação é vista por grande

parte desses professores como verificação de aprendizagem. Isso nos remete a citar Luckesi (2002) em que percebemos que a prática da avaliação da aprendizagem que vem sendo desenvolvida nas muitas instituições de ensino nos remete a uma posição de poucos avanços.

Do ponto de vista dos alunos observou-se que o participante A1 relaciona avaliação como prova “*É uma prova que nós sabemos.*” (A1 em 11/06/2014)

O participante A5 indagado sobre avaliação esse afirma que serve para nada “*nada.*” (A5 em 11/06/2014)

A concepção de avaliação apresentada pelo participante A3 engloba como recurso/instrumento, utilizado para testar conhecimentos e análise de conteúdos através de provas. “*é tudo usado para ver o que aprendemos.*” (A3 em 29/05/2014)

5.2 Função da Avaliação

No **quadro 04** está demonstrada a categoria - **função da avaliação de acordo com os participantes,**

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Função da Avaliação	Análise de conteúdo	P1; P2; P3
	Verificar as dificuldades dos alunos	P2; A5
	Parâmetro rumo à aprendizagem	P4; P5
	Saber mais	A1; A3
	Verificar se aprenderam	A2; A3; A4

Quadro 04 - Função da Avaliação.

Fonte: a autora

Ao fazer a análise das respostas dos alunos, estas indicam dados importantes e que diretamente influenciarão na tomada de decisões com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino ofertado e buscar resultados eficientes e este retorno nada mais é que consequência do processo avaliativo. identifica-se que professores e alunos ainda possuem uma visão equivocada com relação à avaliação, “*avaliação onde irei testar os conhecimentos dos alunos*” (P2 em 27/05//2014) e o mesmo participante diz, “*a função da*

avaliação é avaliar os conhecimentos ministrados em sala de aula e verificar as dificuldades de cada aluno” (P2, em 27/05/2014) Se faz necessário a mediação por parte da equipe pedagógica para delinear a função da avaliação no contexto escolar conforme a Proposta Politico Pedagógico do Colégio em questão.

O trabalho de conscientização deverá ser realizado também com os alunos que possuem uma visão tradicionalista dessa função como demonstra “*para ver o que nós aprendemos” (A2, em 29/05/2014) a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem de todos os alunos, permeando o conjunto das ações pedagógicas, e não como elemento externo a este processo, utilizado ao final de um período de trabalho, bimestre ou semestre.*

Segundo Luckesi (2002), o valor da avaliação encontra-se no fato de o aluno poder tomar conhecimento do porquê está sendo avaliado e assim verificar seus avanços e dificuldades. Dessa forma é imprescindível o professor saber quais são as finalidades das práticas avaliativas, ressaltamos a importância do pedagogo para auxiliar o professor nesse processo.

5.3 A Importância da Avaliação para o Trabalho do Professor

Apresentamos no **quadro 05** a categoria - **A Importância da Avaliação para o trabalho do professor**. Nessa categoria optou-se apenas pelas respostas dos professores, pelo fato de observar o posicionamento dos professores com relação à importância da Avaliação para o trabalho do professor.

Quadro 05 - Importância da Avaliação para o trabalho do professor.

Fonte: a autora

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
A Importância da Avaliação para o trabalho do professor.	Auto avaliação da prática pedagógica	P1; P3; P4; P5.
	Verificar os conhecimentos ministrados	P2; P3; P4; P5.
	Verificar nível de aprendizagem dos alunos	P2; P3; P4; P5.
	Rever a prática pedagógica	P3; P4.

Observou-se que apenas P1, P3, P4 e P5 apontaram como essencial a auto avaliação da prática pedagógica como afirma P1 “*a avaliação é também uma forma de **avaliar o meu trabalho**, pois em alguns casos se faz necessário a reformulação das atividades para que os alunos consigam entender o que está sendo solicitado*”. (P1 em 25/05/2014).

Os participantes P2, P3, P4 e P5 relataram que a importância da avaliação é verificar os conteúdos ministrados e foi abordado o nível de aprendizagem dos alunos como diz P5, “***avaliar o que o aluno assimilou***.” (P5 em 03/06/2014)

Percebendo a importância da ação avaliativa em sua complexidade cabe ao pedagogo acompanhar, apresentar, auxiliar o professor para que esse reflita sobre sua prática.

Apenas P1, P3 e P4 demonstraram que a importância da avaliação é rever a prática pedagógica. “*Sua importância está no demonstrar o domínio do conhecimento adquirido pelos alunos e **o que se deve retomar, discutir, ensinar, revisar novamente e rever a prática que utilizo***.” (P3 em 28/05/2014)

Na segunda etapa do ensino fundamental, os objetivos almejados por docentes e equipe escolar, estão relacionados com a solidificação dos conhecimentos necessários mais a frente na carreira escolar, bem como preparar o aluno para um conteúdo programático mais extenso e abrangente. Dessa forma a equipe pedagógica sempre deve orientar os professores para se auto avaliarem e mudar a prática pedagógica sempre que necessário.

Para tanto, o quadro 06 apresenta os instrumentos utilizados por professores como meio de avaliação.

5.4 Instrumentos de Avaliação

Quadro 06 - Instrumentos de Avaliação

Fonte: a autora

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Instrumentos de Avaliação	Provas Escritas	P1; P2; P3; P4; P5; A2
	Trabalhos de pesquisa	P1; P3; A2
	Trabalhos em sala	P2; P4; A2

	Resolução de questionários	P1; P2; A2
	Interpretação de vídeos	P1; A2
	Elaboração de gibis	P1; A2
	Observação com registro	P3.
	Exercícios de auto avaliação	P3; P4; A2
	Relatórios	P3; A2
	Prova Oral e Escrita	P2; P3; P4; P5; A2; A4.
	Sem prova	A1
	Comportamento	A5.
	Não sei	A3

Observou-se com relação aos instrumentos utilizados para avaliar os alunos os professores participantes relataram utilizar instrumentos diferenciados como afirma “**provas escritas, trabalhos de pesquisa, resolução de questionários, interpretação de vídeos, elaboração de gibis**” (P1 em 25/05/2014), “**trabalhos em sala, pesquisas, provas escrita e oral, perguntas feita em sala.**” (P2 em 27/05/2014) e esses instrumentos foram reafirmados pelo aluno participante A2 “**provas escritas, pesquisa, questionários/perguntas, vídeos, gibis prova oral também.**” (A2 em 29/05/2014).

Notou-se que há alunos que não sabem a importância ou o porquê da avaliação comprovado com a afirmação de A3 “**não sei**” (A3 em 29/05/2014).

Conforme os professores participantes afirmaram utilizar instrumentos diferenciados para avaliar os alunos, chama a atenção que nenhum dos participantes abordaram a recuperação paralela como instrumento.

De acordo com o PPP os critérios numéricos de avaliação do Colégio Estadual pesquisado são organizados por disciplinas, traduzindo em notas bimestrais que são comunicadas aos pais em reuniões bimestralmente. Inclui três momentos uma avaliação inicial com o objetivo de diagnosticar os conhecimentos que os alunos já possuem sobre o assunto a ser trabalhado e

ela acontece sempre que o professor propõe novos conteúdos ou novas sequências de situações didáticas.

O critério de avaliação decidido coletivamente neste colégio é expresso através de notas, numa escala de 0,0 (zero) a 10,0 (dez) sendo que rendimento mínimo exigido no ensino fundamental é a nota 6,0 (seis) por matéria. A média trimestral é somatória e dividida da seguinte maneira: 6 pontos - provas escritas 4 pontos – atividades diversificadas específicas de cada área, exemplo: produção textual, lista de exercícios, pesquisa e outros.

Deverão acontecer, no mínimo, duas provas escritas para formar os seis pontos de cada. E após cada uma das provas deverá ser feita recuperação paralela e uma nova avaliação se houver necessidade.

A recuperação do conteúdo é feita paralelamente, de acordo com a LDB 9394/96, indicando que a recuperação constitui parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem e tem como princípio básico o respeito à diversidade de características, de necessidades e de ritmos de aprendizagem de cada aluno; a necessidade de assegurar condições que favoreçam a implementação de atividades de recuperação paralela significativas e diversificadas que atendam à pluralidade das demandas existentes em cada escola; os indicadores do processo de aprendizagem do aluno evidenciados nas avaliações externas.

É importante ressaltar que as atividades de recuperação paralela não eximem o professor da classe/disciplina da responsabilidade de realizar a recuperação contínua, a partir da avaliação diagnóstica, desde o início do ano letivo. As avaliações são retomadas assim que o professor verificar que a recuperação do conteúdo foi completada, sendo propiciadas novas avaliações com os mesmos valores.

Mesmo os critérios de avaliação estando claros observa-se que a recuperação paralela garantida pelo PPP e pela LDB não foi mencionada por nenhum dos participantes o que nos leva a refletir se essa prática está sendo desenvolvida ou não? Aqui cabe a equipe pedagógica acompanhar todos os instrumentos utilizados pelos professores e averiguar como o processo de recuperação está sendo realizado.

É neste novo ciclo que o aluno percebe-se como sujeito de sua aprendizagem e objeto da educação nas escolas. O ensino é voltado então para a formação de um cidadão, desse modo, definem a LDB os objetivos que deverão ser alcançados durante o ensino fundamental:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996, p. 10)

É ao adentrar no Ensino Fundamental que o aluno deve ter seus primeiros contatos com aquilo que se entende por avaliação. Ele passa a ser medido em sua aprendizagem e cobra-se a emissão de juízos apreendidos de acordo com o conteúdo estudado em sala de aula.

É neste momento também que o conceito de avaliação imprime-se no aluno, portanto, os docentes devem atentar-se para o fato de que, uma visão errônea e maléfica da avaliação subsistirá por toda a vida daquele indivíduo e será de grande prejuízo para sua aprendizagem. Em linhas gerais ela passa a ser analisada como, um processo de *“ir passando nas provas. É como uma escada, cada vez mais longa e difícil”* (PERRENOUD, 1990, p.26).

O aluno precisará perceber que a avaliação ao contrário do que muito se pensa, não objetiva segregar, qualificar alguém em mais ou menos, nem causar temor. Faz-se necessário a percepção da relevância da mesma para o próprio controle de qualidade do ensino, elaboração de melhorias e ajuda no processo de ensino-aprendizagem. Salienta-se, portanto a **função social** da avaliação na qual,

é possível desenvolver uma sistemática de avaliação que vise o aperfeiçoamento da qualidade da educação – isto é, do ensino, da aprendizagem, da pesquisa e da gestão institucional – com a finalidade de transformar a escola atual em uma instituição voltada para e comprometida com a democracia do conhecimento e da educação, assim como a transformação da sociedade. Este é o papel

ou função social da avaliação e é necessário aprender como implementá-la. (BELLONI, 2000, p. 186)

Deste modo, é possível identificar que os professores do ensino fundamental são o primeiro elo entre o aluno e o funcionamento escolar e as matérias básicas da educação. Portanto, é necessário e cada vez mais urgente, amplos investimentos em cursos com qualidade destinados a formação continuada de professores, pedagogos e direção escolar para situá-los dentro dessa problemática educacional. Vivenciada nas últimas décadas, em que se espera do aluno cada vez mais a capacidade de posicionar-se e debater, em especial os problemas sociais.

Dentro desse contexto, a antiga forma de educar, baseada no ato de decorar, memorizar e reproduzir cede espaço para uma educação voltada a formar um cidadão consciente, que possa utilizar-se dos conteúdos pré-elaborados e a partir deles criar, desenvolver e diversificar saberes.

Já no quadro 7 foi possível identificar a dificuldade encontrada por parte do professor em avaliar o aluno e encontra-se expressa no mesmo quadro.

5.5 Dificuldade para Avaliar o Aluno

Quadro 07- Dificuldade para avaliar o aluno

Fonte: a autora

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Dificuldade para avaliar o aluno	Número de alunos em excesso na sala	P1
	Tempo da aula	P1;
	Diminuição da aula no currículo escolar	P1;
	Fazer com que fiquem concentrados	P2; P4; P5.
	Relacionar os conteúdos científicos com os aspectos sociais da turma	P3.

Os professores participantes relataram as dificuldades que encontram para avaliar os alunos, entre as dificuldades apontadas P1 diz “ *que o **número de alunos nas salas**, pois isso dificulta a observação e o cuidado/atenção de que muitos alunos necessitam, **o tempo e a diminuição da aula no currículo escolar**, pois há a necessidade de ser mais ágil para cumprir o calendário escolar*” (P1, em 25/05/2014). Diante disso, o quadro 01 apresenta o perfil dos

participantes e embora P1 tenha dois anos de exercício no colégio pesquisado esse não mencionou a questão da disciplina explicitamente, mas de modo implícito pontuou esta questão quando se refere ao número de alunos por sala e ao tempo e número de aulas. Estes fatores interferem diretamente na vinculação dos alunos com os conteúdos trabalhos e conseqüentemente na falta de interesse e concentração. Como abordou P2, “**fazer com que fiquem concentrados.**” (P2 em 27/05/2014), P4 “*a cada dia a dificuldade em **fazê-los se concentrar** nas questões e assim interpretar o que se pede, fica maior [...]*” (P4 em 02/06/2014) e P5 “**conseguir concentração** para aprender o que estou ensinando” (P5 em 03/06/2014), ressaltando que P4 apresenta mais de 18 anos no mesmo colégio.

Dessa forma, Feuerstein (1998), afirma que o professor deve ser questionador, criar contextos próximos do cotidiano do aluno, para assim, superarem suas dificuldades estando atento às manifestações dos alunos para perceber as zonas de desenvolvimento proximal que surgem, identificando como auxiliar os alunos dando-lhes condições de se exporem, aventurarem sem constrangimento de errar, dando-lhes assim condições para ganharem autonomia.

Assim, no cotidiano das salas de aula o professor pode promover atividades que proporcionem ao aluno uma aprendizagem critica, e em suas avaliações refletir a vivência das atividades em sala. Pois, o “*cumprimento mecânico da atividade docente serve muito pouco para uma efetiva aprendizagem e o conseqüente desenvolvimento do educando*” (Luckesi, 2000, p.122). Ou seja, não basta ao corpo discente um educador não comprometido com o processo de ensino e, para o qual, a simples transmissão do conhecimento, sem qualquer análise aprofundada, é o bastante.

Com base nisso questionamos aos professores em quais momentos os alunos deveriam ser avaliados, o quadro 08 apresenta os dados obtidos.

5.6 Em quais Momentos os Alunos devem ser avaliados

Quadro 08 - Em quais momentos os alunos devem ser avaliados

Fonte: a autora

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Em quais momentos os alunos devem ser avaliados	Em todos os momentos	P1; P2; P3; P4; P5

A avaliação precisa deixar de ser apenas um ato de verificação de aprendizagens, e passar a ser parte do processo de ensino. O que teoricamente já é do conhecimento de todos os docentes, mas pouco se encontra na realidade prática.

No quadro 08 nos deparamos com a contradição dos próprios professores, neste, todos os participantes afirmam que os alunos devem ser avaliados em todas as situações, P1 “**em todos os momentos, porém não se deve ignorar a realidade de cada aluno e propiciar ao mesmo novas e diferentes formas de avaliação**” (P1 em 25/05/2014). P2 “**em todos os momentos, todas as aulas**” (P2 em 27/05/2014). P3 “**todo momento com ênfase diferenciado no processo de aquisição dos conteúdos, na sistematização, na pesquisa, na atitude de estudante pesquisador e nos momentos de foco maior do professor quando ele organiza uma avaliação mais sistematizada**” (P3 em 28/05/2014). P4 “**em todos desde quando chegam as nossas mãos, pela análise de seu conhecimento no processo ensino aprendizagem e ao resultado alcançado de acordo com os objetivos proposto**” (P4 em 02/06/2014). P5 “**no processo contínuo em tudo o que fazem, respondem oralmente, em todos os aspectos. Acho o planejamento muito furado cada turma é uma realidade. Cada caso é um caso, temos que mudar de acordo com as necessidades do aluno.**” (P5 em 03/06/2014).

Embora a resposta unânime dos professores em dizer que a avaliação é um ato contínuo, observou-se contradição no discurso e que conseqüentemente é levada para a prática não só dos professores, mas em especial pela convivência com pedagogos, visto que não há um acompanhamento, um suporte para ampliar a visão sobre o conceito de avaliar que segundo os dados, ficam só no discurso, pois, na escola não são promovidos espaços para se efetivar um novo modo de avaliar com a compreensão de toda a comunidade escolar.

A relação de produção de conhecimento através da interação aluno-professor tem seus principais reflexos no processo avaliativo.

Cabe ao pedagogo mostrar para o professor, seu papel de gestor educativo, na sala de aula, deve avaliar seu aluno pautado no aproveitamento pedagógico atingido pelos alunos. É no processo avaliativo que é possível denotarem-se os princípios orientadores das práticas educacionais, ou, em outras palavras, a postura adotada pelos dirigentes escolares juntamente à comunidade escolar.

O sistema de avaliação clássico obriga os professores a preferirem as competências isoladas e quantificáveis às competências de nível mais complexo (raciocínio, comunicação) difíceis de serem consideradas numa prova individual de papel e lápis. (PERRENOUD, 1992, p. 03)

Essa diferença de visões do ensino está intrinsecamente ligada ao processo histórico por qual passou a educação. “*Mudar a avaliação é mudar a sociedade*” (VASCOCELOS, 1998, p.35) ,ou seja, a mudança avaliativa tem reflexos imediatos na sociedade, pois a avaliação lida diretamente com a formação dos futuros cidadãos.

Assim, em décadas passadas, e infelizmente ainda hoje, a aprendizagem ainda é vista como um processo acumulativo de conhecimento, matéria bruta. O aluno muitas vezes é obrigado a decorar fatos, datas, nomes, fórmulas, tabela periódica e outros tantos dados específicos. Errar não deve ser um motivo de punição, mas parte do ato de aprender. O professor quando mobiliza o aluno para identificar o que errou e o porquê, sanando assim dificuldades, supera as situações que poderiam comprometer toda uma matéria e prejudicar até mesmo um ano inteiro da vida escolar:

No entanto, o objetivo educacional teve algumas mudanças. O conhecimento teórico desligado do saber da aplicação prática passou a ser considerado um conhecimento morto. O objetivo da educação passa a ser assumido como o ato de mediar os conhecimentos acumulados, para que estes possam ser aplicados na vida do aluno, ou mesmo na vivência profissional. Se este não tem capacidade de utilizar o saber adquirido dentro das salas de aula em sua vida o objetivo educacional não é cumprido, ou seja,

o professor deve assumir a responsabilidade de refletir sobre toda a produção de conhecimento do aluno, promovendo o movimento, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos. (HOFFMANN, 2001, p. 75)

Atingiu-se, então, uma fase em que é exigido do corpo discente, não a memorização simples, mas sim a capacidade interpretativa, argumentativa e criativa. Espera-se que o aluno possa utilizar o que foi ensinado, senão na realidade prática, ao menos nas avaliações que exigem a aplicação do conhecimento puro aos casos concretos envolvidos em situações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel primordial que tem o professor de promover, juntamente com a gestão, uma avaliação que seja reflexo das práticas de sala de aula, e que democraticamente avalie o ensino e não somente o aluno. Desse modo a avaliação como um ato de tomada de consciência preconiza que o docente deve valorizar não apenas o momento avaliativo, mas todo o processo a que se submete o aluno.

Embora a pesquisa de campo apresente que a avaliação é um ato contínuo, observou-se contradição no discurso dos professores participantes e que conseqüentemente é levada para a prática não só dos professores, mas em especial pela convivência com pedagogos, visto que não há um acompanhamento, um suporte para ampliar a visão sobre o conceito de avaliar que segundo os dados, ficam só no discurso, pois, no colégio não são promovidos espaços para se efetivar um novo modo de avaliar com a compreensão de toda a comunidade escolar.

Cabe ao pedagogo criar situações pedagógicas capazes de mobilizar o professor, na apropriação do seu papel de gestor educativo, na sala de aula, com o intuito de avaliar seu aluno pautado no aproveitamento pedagógico dos mesmos. É no processo avaliativo que é possível denotarem-se os princípios

orientadores das práticas educacionais, ou, em outras palavras, a postura adotada pelos dirigentes escolares juntamente à comunidade escolar.

É na evidência do trabalho do pedagogo como mediador da educação escolar que a base da sustentação pedagógica na relação entre teoria e prática se afirma, e assim, podemos acreditar na dimensão social e política da escola. Assim se confirmou à **hipótese** de que a apropriação do papel do pedagogo influencia nos moldes e modos nos quais se instituem os processos avaliativos no campo escolar.

Deste modo, cabe ao pedagogo, refletir sobre sua ação teórico-prática, relacionada às questões educativas, a mediação do pedagogo junto ao trabalho docente exige pensar a prática pedagógica na sala de aula enquanto um processo de aprendizagem sistemático, lançando constantemente mão da teorização e compreendendo a natureza contraditória do ato educativo.

O pedagogo necessita se apropriar do seu papel, de suas atribuições na condução de seu trabalho junto aos docentes e o domínio com relação a importância da avaliação para auxiliar e garantir aos profissionais da escola subsídios essenciais à prática pedagógica que leve o aluno a aquisição de conhecimento.

Seu objetivo maior é muito mais digno, a avaliação deve ser um meio de averiguar por parte de professores e gestores a qualidade e a eficiência da educação ofertada na escola, portanto, deve prestar-se como instrumento que possibilite um *feedback* educacional, ou seja, após avaliados, o professor devolverá ao aluno a correção de suas falhas, identificará os entraves educacionais e possibilitará sanar as dúvidas que ainda permeiam a mente dos alunos.

Desse modo, é possível entender que a avaliação não deve jamais ser encarada como o fim maior da educação, mas sim um instrumento que possibilite o crescimento e o progresso do que esta sendo realizado nas salas de aula. De nada adianta avaliações completas e eficientes se a política adotada em sala de aula é divergente disto.

Conclui-se, portanto que a avaliação deve provocar no aluno a utilização do conhecimento estudado dentro de novas circunstâncias observou-se a partir

dos dados que este é um dos meios possíveis para se desenvolver as faculdades criativas, argumentativas e de raciocínio dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno Pedagógico: critérios de avaliação para a aprendizagem escolar**. Curitiba, 2008.
- FEUERSTEIN, Reuven et alli, BELTRAN, J. M., LEEBEER, J., GARBO, R. Centro de Desenvolvimento Cognitivo do Paraná. ATC – Hadassah Wizo - Canada Research Institute. Curitiba, 1998. www.cdcp.com.br, Acessado em 11/12/2013.
- JUNCKES, Rosani Casanova. **A prática docente em sala de aula: mediações pedagógicas**. 2013.
- HOFFMANN, Jussara, **Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista**. 31. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as retas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1986.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2008.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. - 5ª. ed. São Paulo, 1997.

_____. **Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais.** *Eccos – revista científica*. São Paulo, 2002. acesso em 09/01/2014. http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_eccos_1.pdf.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica:** projetos de pesquisas, TGI, TCC monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

PERRENOUD, Philippe, **Avaliação, da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas** trad. Patrícia Chittoni ramos – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

WEISZ Telma, com Ana Sanches . **O diálogo entre o ensino e aprendizagem.** <http://matematicanreapucarana.pbworks.com/f/Texto%2B1%2B%2Bdialogo%2Bentre%2Bensino%2Be%2Baprendizagem.pdf>: Texto acessado em 09/01/2014.

